

Dramas da ditadura em 1,2 milhão de páginas

Detalhes da coleção “Brasil: Nunca Mais”, que vai ajudar quem carrega seqüelas das torturas a fundamentar processos por indenizações

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Fotos: Dário Crispim

Unicamp e a Secretaria de Justiça e da Defesa da Cidadania assinaram termo de cooperação no último dia 13 de agosto, em que a coleção “Brasil: Nunca Mais” (BNM), que integra o acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), é colocada à disposição do Estado para o levantamento de provas e informações que consubstanciem e acelerem os processos requerendo indenizações, junto ao poder público, por quem apresenta seqüelas de torturas físicas ou psicológicas praticadas na ditadura militar. O termo, na verdade, veio dar sustentação institucional a uma situação que já ocorre na prática.

A coleção “Brasil: Nunca Mais” está na Unicamp desde 1987, doada pela Cúria Metropolitana de São Paulo, à época dirigida pelo cardeal dom Paulo Evaristo Arns. O acesso a ela sempre foi público, assim como aos demais fundos que compõem o acervo do AEL. De acordo com o diretor do Arquivo, o historiador Sidney Chalhou, os documentos da BNM (707 processos integrais da Justiça Militar e mais 10 mil anexos) têm servido, ao longo desses 15 anos, como fonte para a produção de livros, filmes, documentários, dissertações de mestrado e teses de doutorado. “Vários ex-prespos políticos e familiares também costumam recorrer à coleção para obter dados que, não raro, fundamentam pedidos de indenização ao Estado”, diz.

Só de janeiro a julho deste ano, o AEL registrou 312 consultas. O pesquisador pode encontrar, entre 1,2 milhão de páginas, depoimentos dramáticos dos militantes de esquerda sobre a prática de tortura, fotografias que comprovam tais sevícias e até manuais de guerrilha produzidos pelos membros da resistência. Graças ao levantamento minucioso executado por advogados, sociólogos, religiosos e diversos voluntários, coordenados por dom Paulo e pelo reverendo



Cópias dos documentos estão guardadas no exterior como medida de segurança

presbiteriano James Wright, a atual e as futuras gerações têm na coleção um instrumento valioso, capaz de contextualizar o período ditatorial e reconstruir grande parte das atividades que se desenrolavam nos labirintos das unidades secretas de repressão.

Segurança – Segundo Chalhou, os documentos são xerocópias dos originais. Três cópias em microfilme foram encaminhadas para o exterior (duas para a Europa e uma para os Estados Unidos) como medida de segurança. “Estamos

mantendo contato com os depositários estrangeiros para tentar obter cópia dos microfilmes. Além de garantir uma melhor preservação, uma vez que as cópias em papel estão se apagando, essa medida também facilitará a consulta”, explica o diretor do AEL. O historiador destaca a importância de se manter viva a memória em torno das indignidades perpetradas pelo regime militar: “Se a sociedade não abrir canais para a divulgação da experiência dos que tombaram em confronto com a ditadura, é como se os matassem duas vezes”.

A coleção *Brasil Nunca Mais* e o diretor do AEL, Sidney Chalhou: mais de 700 processos da Justiça Militar e 10 mil anexos



Acervo traz muito mais

O Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) foi fundado em 1974 por um grupo de professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), por ocasião da aquisição do acervo documental pertencente a Edgar Leuenroth, militante anarquista do início do século passado. Inicialmente, o AEL se propunha a preservar e divulgar a memória operária do Brasil Republicano. Com o passar dos anos e a constante recepção de novos fundos e coleções, a temática foi ampliada. Atualmente há uma extensa documentação sobre a história social, política e cultural do Brasil, registros sobre a América Latina, além de coleção de microfilmes de periódicos do século XIX.

De acordo com o historiador Sidney Chalhou, uma parte dos profissionais do AEL está envolvida neste momento na organização dos arquivos do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). Entre os documentos que podem ser consultados estão todas as pesquisas eleitorais e de mídia realizadas pelo Ibope nas últimas décadas. Novas coleções e documentos estão sendo frequentemente agregados. Nas últimas semanas, chegaram três pequenas mas valiosas contribuições. Uma é o arquivo pessoal da atriz Vanda Lacerda, que foi presidente do Sindicato dos Artistas na década de 1980 – são dezenas de fotos sobre peças montadas no período.

O AEL recebeu, ainda, a biblioteca do educador Paschoal Leme, constituída por livros sobre a educação nos países socialistas. A terceira e última contribuição é formada por fitas cassete gravadas pelo historiador Marco Morel e o pai dele, o jornalista Mário Morel, com personalidades como Luís Inácio Lula da Silva, frei Betto, Raimundo de Oliveira, Doutel de Andrade e Herbet de Souza, entre outros. Chalhou afirma que o AEL não tem sido mais agressivo na captação de coleções por conta do espaço. A atual sede já é pequena e o problema só estará resolvido com o novo prédio, cuja construção deve ter início ainda este ano.

POPULAÇÃO

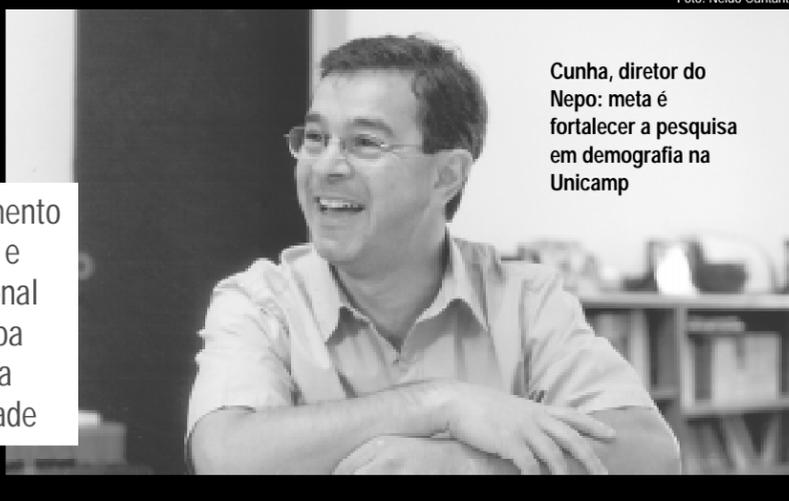
O professor José Marcos Pinto da Cunha é o novo diretor do Núcleo de Estudos da População (Nepo) da Unicamp. A nomeação pelo reitor Carlos Henrique de Brito Cruz ocorreu durante a abertura do seminário População e Ambiente no Brasil, realizado nos dias 14 e 15 de agosto em comemoração aos 20 anos do Núcleo. Cunha chegou ao Nepo em 1988, a partir de um convênio de cooperação técnico-científico entre a Unicamp e a Fundação Seade. Anos depois, tornou-se pesquisador do grupo e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH).

Graduado em estatística pela Universidade de São Paulo (USP), Cunha trilhou um caminho multidisciplinar, tendo realizado mestrado em demografia no Centro Latino-Americano de Demografia em Santiago do Chile e

Novo diretor do Nepo quer atrair pesquisadores

Foto: Neldo Cantanti

Reconhecimento nacional e internacional ainda ecoa pouco na Universidade



Cunha, diretor do Nepo: meta é fortalecer a pesquisa em demografia na Unicamp

doutoramento na Unicamp em ciências sociais. Hoje ele se dedica ao ensino e à pesquisa na área de demografia, particularmente em temas relativos a migração e urbanização.

Uma de suas propostas, segundo o professor, é justamente estimular pesquisadores de outras áreas a fazer parcerias ou mesmo participar do quadro do Nepo, dentro da idéia de fortalecer ainda mais o ensino de demografia na Universidade. Atualmente, ali estão pesquisadores de estatística, sociologia, medicina e história.

Na opinião de José Marcos da Cunha, apesar de o Nepo ser reconhecido nacional e internacionalmente como referência em pesquisas voltadas para a população, o trabalho não tem a projeção que ele gostaria dentro da própria Unicamp. Um dos meios para atingir este objetivo é adotar a prática de intercâmbio intelectual com outros centros, núcleos e institutos. (M.A.C.)